

Um concerto
para Henrique
Morelenbaum

PÁGINA 3



'Cangaço Novo'
alcança sucesso
internacional

PÁGINA 5



Lilia Guerra, entre
a literatura e a
rotina no SUS

PÁGINA 7



2º CADERNO

Entre turnês e tema de livros ilustrados, Gilberto Gil manifesta desejo por mais tempo para ensaiar e testar novos repertórios

Por Lucas Brêda (Folhapress)

Gilberto Gil está ocupado. Entre shows, lançamentos e entrevistas, o artista, uma das maiores referências em termos de música no Brasil, não tem encontrado brechas para ensaiar músicas que gostaria de incluir no repertório de suas próximas apresentações - caso de "Ladeira da Preguiça" e "O Rouxinol".

"A exiguidade de tempo está muito forte", ele diz, falando à reportagem por vídeo, de sua casa no Rio. "Eu deveria ter mais tempo para ensaiar, testar e experimentar a entrada e saída eventuais de músicas. Mas estou sem tempo."

Gil se refere aos 19 shows que fará na Europa, entre o fim deste mês e o começo de novembro. Antes, em São Paulo, ele fez as últimas apresentações da turnê atual, "Nós a Gente", organizada pela Natura e em que toca com a família. Também é tema de dois livros ilustrados pelo artista Daniel Kondo, lançados pela WMF Martins Fontes.

A exemplo de ícones da música de outros países, caso de Bob Marley na Jamaica e Fela Kuti na Nigéria, a família de Gil mantém e desenvolve o legado artístico

Profissão de fé no tropicalismo



Gilberto Gil segue para giro europeu com direito a 19 shows no Velho Mundo

do patriarca. Mas, diferente dos outros dois, o tropicalista continua em atividade, e o trabalho musical dos herdeiros se dá em parceria com ele.

"São famílias que cresceram num ambiente saturado de música", ele diz, citan-

do os contemporâneos que já morreram. "A reação química é muito favorável a essa precipitação. A música se precipita o tempo todo nos cadinhos."

Para Gil, na turnê encerrada encerrada sábado o palco acaba sendo uma extensão da

própria convivência familiar. É um ambiente tão confortável que mesmo nos shows na Europa, em giro chamado "Aquele Abraço" e formato reduzido, ele será acompanhado pelos filhos Bem e José e pelos netos João e Flor.

Continua na página seguinte

Reprodução Facebook



O patriarca Gil comanda o ensaio em família durante a turnê 'Nós, a Gente'

‘Minha vida é muito exposta, pública, e a da minha família também’

Essa relação da família Gil é retratada em um dos dois livros ilustrados por Kondo, chamado “Nós, a Gente”, com letras de músicas do repertório da turnê e uma entrevista com o cantor. O outro, “Andar com Fé”, traz interpretações do artista para músicas do compositor e inaugura uma coleção chamada Letrailustre, em que artistas visuais criam obras a partir do cancionário de músicos consagrados. “A coisa gráfica dele tem essa marca do modo atual, muito informado pelas técnicas digitais. O desenho dele tem a ver com essa nova fase do grafismo”, diz Gil.

É mais um livro sobre Gil que não é feito diretamente por ele. O cantor já colaborou com Carlos Rennó em “Todas as Letras”, com as letras de músicas dele comentadas, e com Antonio Risério no biográfico “Gilberto Gil - Expresso 2222”, mas nunca escreveu sobre sua própria trajetória.

Ele continua sem querer um livro de memórias. “Minha vida é muito exposta, pública - e a da minha família também”, afirma. O baiano acredita que muito já foi dito sobre sua vida e obra, também contemplada em registros audiovisuais - como a série documental “Em Casa com os Gil” (Amazon Prime).

Ainda assim, recentemente, pesou sua participação na tropicália com um texto biográfico, “Antropofagia e Tropicália”, apresentado na Academia Brasileira de Letras. Ele diz que só escreveu o texto porque foi provocado, e que o assunto Tropicália já foi tão estudado que está praticamente esgotado.

Mas também admite que a fagulha gerada principalmente por Gil e Caetano Veloso continua acesa - em sua obra e na vida artística do Brasil. “Serei sempre tropicalista”, diz. “O que foi desejo, ambição e impulso da tropicália continua, fragmentariamente, ao longo de todo o meu trabalho - e no de Caetano também. E foi desdobrado na obra de tantos artistas que tive-

ram no tropicalismo uma fonte de entendimento.”

A fragmentação, aliás, é um termo bastante usado por Gil para descrever os tempos em que vivemos. Ele define a Tropicália como um dos últimos movimentos modernistas - “quase na fronteira com o pós-modernismo”. Desde então, avalia o compositor, “vivemos uma fragmentação intensa e acelerada”.

Nesse contexto, Gil vê a música brasileira como extremamente diversa, ampla e abrangente. Descarta que ela precise de mudanças ou atualizações -

como os tropicalistas desejaram e realizaram há mais de 50 anos. “Não tem muito sentido ficar buscando os modos antigos de avaliação do que poderia ser considerado brasileiro ou não. Esse conflito entre o nacional e o internacional, essas coisas, saíram da pauta.”

Luminosidade

O encantamento do mundo em relação à criatividade musical brasileira, diz Gil, é anterior à bossa nova, e segue forte até hoje - seja através do funk ou dos “híbridos de reggae ou de hip-hop

e todas essas denominações plúrais que existem hoje”. “Quando é feito pelo brasileiro, provoca uma luminosidade especial.”

Mas há exceções a essa regra. O estilo musical mais ouvido no Brasil, o sertanejo, é apreciado internamente, mas não encanta o resto do mundo como outros gêneros feitos por aqui. “Talvez seja porque o sertanejo brasileiro tenha se afunilado demais numa direção específica, menos abrangente”, diz. “Talvez a estética geral pague um tributo muito forte ao country, a essa música americana. Mas é um mistério.”

Outro sinal dessa fragmentação está nos modos eletrônicos de produção musical - incluindo o funk brasileiro. Seu sentimento sobre essa maneira de fazer música, diz Gil, está expresso na composição “Máquina de Ritmo”.

A máquina a que ele se refere pode ser, fisicamente, as MPCs, midi production center, ou, digitalmente, os computadores. São sistemas que reproduzem trechos de gravações existentes, os samples. “A pletora dos tambores africanos e centro-americanos se espalharam pelo mundo, de modo que qualquer menino com uma máquina de ritmo reproduz - se não na essência, mas na aproximação - sons particulares, regionais. Isso faz da música hoje uma coisa muito extensa.”

Aos 81 anos, Gil também mantém sua opinião sobre a miscigenação. Para parte dos movimentos negros, o elogio à mistura de raças e etnias resultou no mito da democracia racial, um artifício para mascarar a existência do racismo.

A miscigenação está no centro da obra de Gil. “Não é só na minha obra - está na formação do Brasil e do mundo atual”, diz. “As conexões entre raças, culturas e etnias - isso está no mundo inteiro, e é muito forte hoje em dia. Os povos tendem a se misturar cada vez mais, a ter curiosidade uns em relação aos outros.”

Mas ele acha que esse debate é natural. “Há dívidas históricas, é muito evidente. Precisam ser resgatadas, não só aqui mas em vários lugares - os Estados Unidos são um exemplo claro. A escravidão dos povos negros africanos deixou marcas difíceis. É um pouco isso que informa a radicalização dos movimentos anti-miscigenação.”

“Agora, [não dá para] negar o fato de que nós temos uma hibridização importante do ponto de vista racial, étnica e cultural, entre povos diversos, no mundo inteiro - e no Brasil em especial”, ele diz. “O Brasil é um celeiro muito forte de convergência de aspectos múltiplos de vida cultural.”

Salve o maestro!

Concerto no Municipal reverencia a trajetória de Henrique Morelenbaum, morto no ano passado

Um dos mais importantes maestros brasileiros do século XX, Henrique Morelenbaum (1931-2022), será homenageado nesta terça-feira (19), às 19h, em concerto no Theatro Municipal, com a participação da soprano Flávia Fernandes, do Coro Sinfônico da Associação de Canto Coral (ACC) e, para homenagear o pai, Jaques Morelenbaum, violoncelista e compositor, escreveu uma obra em homenagem ao maestro quando ele fez 70 anos (“Uma Noite em Laguev”) e vai tocá-la.

A cantora lírica estreou como solista pelas mãos de Morelenbaum e o Coro Sinfônico da ACC foi preparado pelo maestro Miguel Torres, sob a direção de Jésus Figueiredo.

No mês em que o maestro completaria 92 anos, a Orquestra Sinfônica da UFRJ, a Associação de Canto Coral e a Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro se juntam para homenagear o artista que marcou sua trajetória artística nas três instituições. Morelenbaum foi aluno de violino, viola e regência da Escola de Música e posteriormente professor

de Harmonia, Contraponto, Fuga e Composição. No Municipal, foi maestro adjunto da Orquestra Sinfônica, tendo dirigido inúmeros espetáculos de ópera, balé e concertos, além de dirigir a instituição por duas vezes. Com a Associação de Canto Coral realizou vários concertos e gravações.

No programa, “In Memoriam”, de Ernst Bloch, e “Pastoral”, de Ernani Aguiar remetem à cultura e religião judaicas de Morelenbaum, nascido na Polônia em 1931 e naturalizado brasileiro. Já “Psalmus”, de João Guilherme Ripper, e “Celebrare”, de Ronaldo Miranda, integram o programa como dupla homenagem ao professor por dois de seus mais destacados alunos de Composição: a obra de Ripper foi dedicada a Morelenbaum em 2002; a de Miranda por ele estreada em 2005.

As obras de Villa-Lobos, recorrentes nos programas de concertos regidos por Morelenbaum, representam seus profundos conhecimentos de contraponto e fuga, através do prelúdio das “Bachianas Brasileiras nº 4”, como também sua dedicação à música brasilei-

Maestro Henrique Morelenbaum (1931-2022) será homenageado em concerto com a participação de seu filho, o violoncelista Jaques Morelebaum



ra, através das quatro canções de “Floresta do Amazonas”. A Orquestra Sinfônica da UFRJ se apresentará sob o comando de André Cardoso, outro ex-aluno de Morelenbaum.

SERVIÇO

CONCERTO EM HOMENAGEM AO MAESTRO HENRIQUE

MORELENBAUM
Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia)
19/9, às 19h
Ingressos: R\$ 50 (frisas e camarotes, individual), R\$ 30 (plateia, balcão nobre e balcão superior) e R\$ 20 (galeria)

Lúcio Luna/Divulgação



Federico Puppi

A água como fio condutor

O violoncelista italiano radicado no Brasil, Federico Puppi, continua sua jornada musical com um single que nasce na água. “Lua em Peixes” é um convite imersivo em uma experiência musical que se abre para sensações. A música é uma composição do próprio Puppi que ganha vida com o piano e sintetizador de Rafael Langoni, acompanhados pela viola e violino de Pedro Mibieli.

A faixa já está disponível para streaming e coroa um período prolífico para Puppi, que atualmente está em cartaz no Rio com a premiada peça “Ficções”, dividindo o palco com

a atriz Vera Holtz em um espetáculo inspirado pelo livro “Sapiens”.

A jornada musical de Puppi com “Lua em Peixes” começou há dois anos, em seu estúdio pessoal, sob a influência dessa fase da lua. A conexão cósmica parece ter deixado uma marca indelével na composição, conferindo a ela uma qualidade aquática e líquida que a torna verdadeiramente única.

Puppi também tem uma presença marcante na cena teatral e cinematográfica, com composições para várias peças e trilhas sonoras de filmes, incluindo “Delicadeza é Azul” e “Ioiô de

Iaiá”. Suas performance musicais também aparecem em novelas populares, como “Pantanal”, “Éramos Seis”, “Vai na Fé”, “Mar de Sertão”, “O 7º Guardião” e “Nos Tempos do Imperador”, da Rede Globo.

Parceiro de Puppi neste canção, Rafael Langoni é um renomado compositor, arranjador, produtor e pianista, conhecido por seu trabalho na TV Globo, onde é o produtor musical responsável por trilhas sonoras de novelas e séries de sucesso. Ele tem uma extensa colaboração com artistas como Milton Nascimento, Tiago Iorc, Anavitória e Caroline Dale.

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Clássico de Stephen King ganha os palcos

Clássico do terror vira musical pelas mãos do CEFTEM

O Centro de Estudos e Formação em Teatro Musical (CEFTEM) traz para os palcos cariocas, a partir desta quinta-feira (21) “Carrie - O Musical”. A peça fica em cartaz no Teatro Cesgranrio até 1º de outubro, com apresentações de quinta a sábado, às 19h, e domingo, às 18h.

O espetáculo, baseado no primeiro romance de terror

do renomado autor Stephen King, conta com direção de Victor Maia, direção musical de Hugo Kerth e direção de movimento de Quéops.

“Carrie é um desafio maravilhoso! Contar esse clássico da literatura e do cinema, nos palcos e em formato musical, permite um novo olhar, mais moderno”, adianta Victor Maia.

Pirataria

A Globo entrou na Justiça contra a Carol Novelas, que vende na internet cerca de 500 novelas brasileiras completas para fãs do gênero. Os advogados da emissora chamam Leandro da Silva Evangelista, dono do site, de “o maior pirata de novela” do país.

Carnavais

A partir da pintura “Sodade do Cordão” (1940), de Dimitri Ismailovitch, o Museu Nacional de Belas Artes lança um vídeo com depoimentos de três pesquisadores que abordam a temática da pluralidade e diversidade na festa do carnaval brasileiro.

Brasil no k-pop

Depois de brilhar no MTV VMA, Anitta participa do “Back For More”, mais novo lançamento da banda de K-pop Tomorrow x Together. A faixa mistura elementos disco com o pop latino de Anitta numa letra cheia de otimismo.

Lançamento

Engajado no tema da sustentabilidade, o escritor José Ribamar Garcia lança o livro “Caminho dos Ventos”, ambientado na Amazônia, mostrando a luta dos sertanejos nordestinos atraídos pela extração da borracha no século passado.



O quarteto se formou em 2018 para celebrar e se divertir com os hits do pagode dos anos 90, mas começou a se destacar no cenário musical de Juiz de Fora

Generosas colheradas de samba

Formado só por mulheres, o quarteto mineiro Samba de Colher lança EP audiovisual em forma de mini-documentário

Existe ritmo brasileiro que mexa mais com a nossa gente que o samba? O quarteto mineiro Samba de Colher carrega essa certeza e sonha criar aquele clima de roda de samba em lares de todo o país. Depois do lançamento do EP “Pagar pra Ver”, as meninas bambas colocaram pra jogo um registro audiovisual ao vivo de suas empolgantes apresentações gravado no Beco JF, a mesma casa de shows onde foram gravadas as versões de estúdio. O

clima quente do palcos se faz presente no mini-documentário.

Buscando um novo olhar para o pagode com uma interpretação única e feminista, o Samba de Colher é formado pela cavaquinista Alessandra Crispin, as percussionistas Isabella Queiroz e Mariana Assis e a violonista Tamires Rampinelli, todas responsáveis pelos vocais. Com o EP, elas buscam apresentar vozes femininas em uma plataforma de acolhimento e festa.

“Pagar pra ver” traz, para as

pessoas que ainda não nos conhecem, a energia real da nossa apresentação. Comecei a perceber que o nosso público - feminino, LGBTQIAN+ - fazia dos nossos shows um lugar de paquera. O resultado foi tão positivo que até hoje me emociono”, revela Tamires.

Criado em 2018, o quarteto se uniu em prol de celebrar e se divertir com os hits do pagode dos anos 90, mas rapidamente começou a se destacar no cenário musical de sua cidade natal, Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira.

No ano seguinte, elas apresentaram o espetáculo musical Donas da Roda para contar e contextualizar a história de mulheres que são referência para o samba e o pagode. Essas influências, misturadas com arranjos diferenciados que uniam as musicalidades de cada integrante, resultam agora no EP de estreia autoral do projeto.

O EP “Pagar pra Ver” e seu registro ao vivo são resultados de um projeto aprovado que recebeu fomento da Prefeitura de Juiz de Fora.

Por Júlio Boll
(Folhapress)

Série brasileira do Amazon Prime Video, 'Cangaço Novo' é uma trama sobre o crime organizado no Nordeste que alcança audiência expressiva no exterior

Amazon Prime Video



Um western à brasileira

Allan Souza Lima diz estar na torcida por uma nova temporada de 'Cangaço Novo', que alcançou o Top 10 da Prime Video em 49 países

Esqueça John Wayne e tantos outros ícones do faroeste. Nas últimas semanas, espectadores de diferentes continentes têm enaltecido a figura de Ubaldo (Allan Souza Lima), que se vê envolvido com o crime organizado no nordeste.

Com direito a perseguições, longas cenas de ação e uma violência de crueza raras vezes vistas na TV, ele é o protagonista de "Cangaço Novo", série que entrou no Top 10 em 49 países do Prime Video, sendo o primeiro colocado em territórios africanos como Angola e Moçambique por oito dias consecutivos.

Na trama, que parece um verdadeiro western brasileiro, Ubaldo precisa de dinheiro para cuidar de seu pai adotivo e, por isso, topa virar cangaceiro. Aí, vale tudo: roubar bancos, dominar cidades inteiras e fazer o possível para manter viva a imagem de Amaro Vaqueiro, o pai biológico dele e de suas irmãs, que é uma figura mítica na região. Com esse tempero de realidade, "Cangaço Novo" acabou cativando a audiência.

Para o protagonista Allan Souza Lima, então, foi um prato cheio. Natural do Recife, o nordestino considerou o papel uma volta para casa e praticamente não descansou: gravou 103 das

105 diárias do projeto. "Eu sempre digo que interpretar não deixa de ser também um trabalho de terapia, né? É para você liberar seus demônios. Existiu um grande desgaste emocional e físico mas isso é o mais potente do trabalho", conta ele.

Nos últimos anos, Lima tem oscilado por outros universos. Na atual novela das seis da Globo, "Amor Perfeito", por exemplo, interpreta o frei João, enquanto em "Novo Mundo" (2017), deu vida a um cacique. Cenários quase que irrealizáveis ao se comparar com a entrega e o perfil de Ubaldo em "Cangaço Novo" - principalmente por estar ambientado no nordeste brasileiro.

Assim, Lima avalia que o seriado do Prime Video seja um bom exemplo do quanto falta espaço para os talentos de regiões fora do eixo Rio-São Paulo - mas as coisas parecem estar melho-

não existir frustrações".

O ator continua tocando a vida e segue com outros projetos. Em breve, estará em mais um filme da cine-série "A Menina que Matou os Pais", que narra o crime orquestrado por Suzane Von Richtofen. Ele é Cristian Cravinhos, que ganha mais protagonismo no longa inédito. "Foram cenas muito delicadas, porque agora estamos falando mais sobre a versão da Polícia Civil dentro do interrogatório", adianta ele. A partir desta visão, as autoridades conseguiram entender como os irmãos Cravinhos pegaram o dinheiro vivo (em reais, euros e dólares) que os pais de Suzane guardavam em casa na noite em que foram mortos.

"Foram seis ou sete cenas, num momento muito crucial do filme, onde existiu um trabalho com uma densidade muito grande no momento que ele assume o que aconteceu, bem mais visceral e em uma pegada 'true crime' mesmo."

do. "A gente está em um momento de transição, o que falta de fato é abrir mais esse olhar. O Brasil é gigante, a gente é multicultural como artista, independente de qualquer campo artístico. O que falta é só uma oportunidade".

A partir do sucesso de "Cangaço Novo", a expectativa é que uma segunda temporada seja lançada. Em entrevista ao podcast Vale o Play, a atriz Alice Carvalho afirmou que o argumento dos capítulos inéditos já estão prontos.

Lima, claro, torce para que isso aconteça, mas é pé no chão, racional. E se não rolar? "Minha vida é trabalhar com objetivo alto, meu esforço sempre foi constante, mas eu sempre levo uma expectativa baixa para



A cena icônica de luta de 'O Voo do Dragão' no Coliseu de Roma celebrou o astro sino-americano Bruce Lee

O novo voo do dragão

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Nome emblemático das artes marciais na cultura pop, Bruce Lee (1940-1973) vai ganhar um tributo póstumo, nos 50 anos de sua morte, com uma mostra que celebra seu legado, centrada em cinco longas-metragens seminais de sua meteórica passagem pelos cinemas, que regressam remasterizados em tecnologia 4k.

O projeto da distribuidora Sato Company, em parceria com a Sinny Assessoria, vai ocupar telas de todo o país a partir desta quinta-feira, incluindo o Espaço Itaú, em Botafogo, além de ou-

Filmes icônicos de Bruce Lee voltam à telona, remasterizados, em retrospectiva no Espaço Itaú

tras salas exibidoras cariocas a serem confirmadas.

No pacote de atrações estão: "O Dragão Chinês" (1971); "A Fúria do Dragão" (1972); "O Jogo da Morte" partes I (1978) e II (1981) e o magistral "O Voo do Dragão", que ganhou uma projeção nas areias da Croisette, na França, este ano, durante o 76º Festival de Cannes, comemorando o cinquentenário de sua estreia.

Neste momento, o diretor taiwanês Ang Lee ("O Segredo

de Brokeback Mountain") prepara uma cinebiografia de Lee, que morreu em circunstâncias suspeitas, com um laudo de edema cerebral. Teorias da conspiração falam de um possível assassinato, encomendado pela máfia chinesa. Essa hipótese mobilizou Cannes, em conversas na orla do balneário, quando "O Voo do Dragão" – uma produção de US\$ 130 mil que teve um faturamento estimado em US\$ 130 milhões – foi projetado. O longa ficou célebre

por mostrar uma luta de Bruce contra Chuck Norris no Coliseu, em Roma, capaz de desafiar as leis da Física.

Outro fenômeno de bilheteria, "Operação Dragão" ("Enter The Dragon", 1973), a maior superprodução da carreira do astro, orçada em US\$ 850 mil, está comemorando cinco décadas de lançamento e está regressando ao circuito em diferentes cidades da Europa e da Ásia em versão restaurada. Seu faturamento, à época, foi de US\$ 400 milhões, o que transformou Bruce Lee num dos mais rentáveis nomes de Hollywood.

Na entrevista a seguir, Nelson Sato, responsável pela homenagem brasileira ao ator, explica o fascínio que ele ainda gera.

Qual é o maior apelo de Bruce Lee no olhar de espectadores brasileiros e qual é o apelo de revisitar seus filmes em tela grande?

Nelson Sato: Bruce Lee completou 50 anos de seu falecimento, e seus filmes são clássicos, históricos e referência a

todo amante de artes marciais. Agora, esses longas chegam remasterizados em 4k, numa qualidade jamais vista.

Como a plateia de origem asiática neste país reage ao simbolismo heroico do ator, mesmo 50 anos depois de sua morte?

Bruce Lee continua vivo no coração e mente dos amantes de artes marciais. Anderdon Silva o tem como principal ídolo e segue vários ensinamentos da filosofia de Bruce Lee. O astro foi responsável por colocar o kung fu no dicionário mundial e criar o nicho de filmes dessa luta. Chuck Norris, Jean-Claude Van Damme, Jackie Chan são alguns dos nomes que devem suas carreiras a esse fantástico ator.

Que demanda o senhor tem em relação não só a Lee mas a outras estrelas asiáticas de ação do passado?

Jackie Chan e Jet Li são talentos que derivaram do trabalho pioneiro de Bruce Lee e que fazem parte de nosso catálogo.

Lilia Guerra vira a página de dramas do passado em seu romance 'O Céu para os Bastardos'

Literatura de primeira entre o ônibus e o trabalho no SUS

Bruno Santos/Folhapress

Por Walter Porto (Folhapress)

“Há escritores médios aos bocados, Maria. Mas está cada vez mais difícil encontrar alguém com talento para passar uma camisa do jeito que você passa.” Maria Expedicionária, a protagonista do romance “O Céu para os Bastardos”, ouve isso do figurão que a emprega como faxineira quando confessa sua vontade de escrever um livro. Sua autora, Lilia Guerra, escutou sugestão parecida de alguém bem mais próximo.

Foi de uma meia-irmã que ela demorou muito para saber que existia. A escritora tinha mais de 15 anos quando descobriu a identidade do pai, depois que a mãe enfim capitulou aos seus pedidos insistentes. Entregou à garota uma pilha de cartas afirmando que ali estava “a história toda” - de como Lilia foi fruto da relação de uma adolescente vulnerável com um homem casado de 76 anos.

A mãe, Ana Júlia, nunca soube que fim tinha levado o pai. A escritora foi então puxando o fio das pistas, mas nunca chegou a conhecer o homem, que morreu nos anos 1980. Conheceu, contudo, sua família rica e relutante.

“Escrever um livro não é para qualquer um”, disse a irmã a Lilia após saber que as duas compartilhavam ambições literárias além de um pai, quando a jovem contou que queria romancear a vida de Ana Júlia - e, enfim, martelar um ponto final naquela história.

O repórter comenta com a autora que, na cena do romance,



Divulgação

Antes de se dedicar à literatura, Lilia Guerra trabalhou como doméstica assim como Maria Expedicionária, a protagonista de seu romance 'O Céu para os Bastardos'

Itaim Paulista e ir para Guaianases, mais perto de onde mora. “Agora se o ônibus for direto é para dar só 20 minutos, mas teve dia que já levei uma hora.”

É na condução que surgem grande parte de suas inspirações literárias, espremidas nas brechas de uma rotina pesada que não a impediu de produzir volumes de crônicas, os aclamados contos de “Perifobia” e os romances “Rua do Larguinho” e “Amor Avenida” -- o que surgiu da história da mãe -, todos publicados pela independente Patuá. Agora, aos 47 anos, está pegando mais leve no batente e mais pesado na literatura - uma escolha que tem rendido frutos. O novo romance, “O Céu para os Bastardos”, está saindo por uma editora maior, a Todavia.

O título já adianta como sua experiência familiar alimentou algo do livro. Quando criança,

ela pedia à mãe para fazer aulas de catecismo - várias amigas iam e ainda ganhavam lanches gostosos. A resposta da mãe era sempre a mesma. “Como, menina, se você não tem pai?”

Uma das cenas mais comovidas do romance acompanha uma mulher, que também engravidou e foi rejeitada por um homem casado, contando para a filha de quando ela era bebê e ficou doente. “Quando encostei a cabeça na tua testinha e senti aquela quentura, pedi a Deus pra que te salvasse. Mas lembrei que, segundo o santo padre, aquele Deus dele não te queria. Fui pra rua desatinada, com você nos braços.” Quem a ajudou, no fim, foram duas mães de santo.

Na toada de todo o projeto literário de Lilia, o livro é um mosaico opulento da vida nas periferias. Há uma mulher que vê a

filha ser morta na sua frente por cobrança de uma dívida do marido; há um rebuliço no ônibus em reação a um homem assediador; há rodas de samba, gambiarras, falcatruas e companheirismo.

Lilia já trabalhou como empregada doméstica antes da enfermagem, assim como sua mãe e avó. Segundo ela, era como um “rito de passagem” em sua família --um de que suas filhas Barbara e Thaís, que trabalham com recursos humanos e comunicação, foram poupadas.

A escritora já ouviu de editores que seus livros têm gente demais. Para isso, tem resposta pronta. “O livro para mim é um ônibus, um vagão de trem. Enquanto couber mais um, eu vou colocando. Não quero perder a oportunidade. Sei lá quantos livros mais eu vou escrever. Sei lá se eu estou viva de noite.”

Coletivo de artistas expõe trabalhos que discutem a preservação ambiental na exposição 'Verso e Reverso'

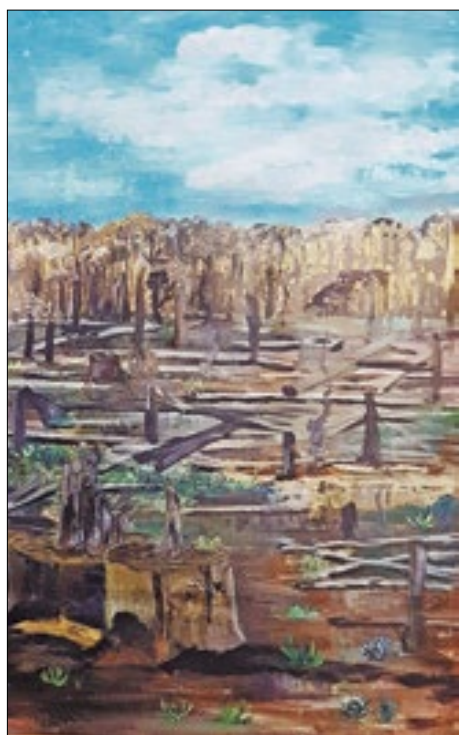


'Céu e Mar' (1999), de Le Briones

As utopias que nos movem



'(...) Folha Rubra', de Ana Morche



'Basta uma Chuva', de Wil Catarina



'Tempo de Brincar' (2019), de Bê Sancho

Fotos Divulgação



'Purificação (...)', de Elza Suzuki

A preservação do meio ambiente é um dos desafios da humanidade neste século. Contrariando a lógica, a questão sequer é consensual e essa polêmica é o tema central de "Verso e Reverso", exposição que reúne trabalhos de seis artistas plásticos na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói.

A curadoria é de Bê Sancho, que também participa da mostra como artista ao lado de Ana Morche, Elza Suzuki, Lê Briones, Veruska Bahiense e Wil Catarina. "A exposição evoca sentimentos antagônicos e

ações de preservação e destruição da natureza. A partir desses conceitos, cada artista se manifestou através do seu prisma individual, buscando inspirações em vivências e provocando reflexões sobre aspectos urgentes. Questões humanitárias reversas, como o abandono e a fome, podem dar lugar ao acolhimento em versos de afeto", reflete Sancho, que também é educador.

"A beleza do mar e exuberância da natureza, que tanto nos inspiram, ainda conseguem resistir aos despejos e à poluição com a regeneração promovida pelos aguapés. Um sopro de esperança surge

com a resiliência da vida ao permitir que uma planta brote naturalmente do solo queimado", prossegue o curador.

O verso e o reverso das ações humanas representadas em pinturas e instalações culminam na proposta educativa da Sala de Cultura Leila Diniz, um equipamento ligado à Imprensa Oficial do Estado. Vídeos e jogos abordam questões ambientais sob seus aspectos tanto negativos quanto positivos.

Durante essas dinâmicas, são apresentadas informações sobre o tempo de decomposição de materiais descartados na

natureza gerando prejuízo à fauna e à flora. Também é trabalhada a conscientização sobre o gerenciamento de resíduos, fazendo com que os visitantes se tornem agentes transformadores, contribuindo assim para um mundo mais sustentável. Nessa etapa, os visitantes praticam o descarte de resíduos a partir de uma ótica seletiva e apreciam as obras expostas do artista Davi Barbosa, que trabalha com material reciclado.

SERVIÇO

VERSO E REVERSO

Sala de Cultura Leila Diniz (Rua Professor Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói) | Até 9/11, de segunda a sexta (8h às 17h) | Entrada franca